**Pagu**

Rita Lee

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas a minha cobra
Hum hum hum hum
Minha força não é bruta (adoro essa frase)
Não sou freira, nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Ratatá ratatá ratatá
Taratá taratá

Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Hanhan hanhan
Fama de porra louca, tudo bem
Minha mãe é Maria ninguém
Hu huhuhu

Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima

“[...] Como dão importância em toda parte à vida sexual. Parece que no mundo há mais sexo que homens... Aliás, há tanta puerilidade, tanta mediocridade dentro do assunto, quero dizer, o modo como é encarado o assunto pela humanidade, que quase é eliminada a indignação. Eu sempre fui vista como um sexo. E me habituei a ser vista assim. Repelindo por absoluta incapacidade, quase justificativa as insinuações que me acompanhavam. Por toda parte. Apenas lastimava a falta de liberdade decorrente disso, o incômodo nas horas em que queria estar só. Houve momentos em que maldisse minha situação de fêmea para os farejadores. Se fosse homem, talvez pudesse andar mais tranquila pelas ruas. Mas o verdadeiro tormento só mais tarde surgiria por esse lado”

(Patrícia Galvão, *Autobiografia precoce*, 1940)



Patrícia Galvão (1910-1962)

“[...] Ricardo ele mesmo nunca sentira entusiasmo pelas conversas de Florêncio. Não acreditava no que o amigo acreditava com tanto coração. O moleque da bagaceira não compreendia o que Florêncio procurava com o seu sacrifício. Dias melhores para os seus. Florêncio tinha razão nisto. Sofria tanto, as coisas para ele corriam tão mal que tudo que desejasse para si era justo. Se Ricardo pudesse, os filhos do amigo, a mulher, teriam vida boa. Mas Ricardo não sentia como devia sentir pelos outros. Não se inflamava de ódio contra os donos, os senhores. A verdade é que seu Alexandre fazia raiva a qualquer um. Mas era seu Alexandre. E ele não conhecia os outros patrões. Se lhe viesse pedir uma ajuda para um colega necessitado ele dava. Não sabia porém acreditar, não acreditava nos sonhos que ferviam na cabeça de Florêncio. Não acreditava no Dr. Pestana. Ele vivia somente. Trabalhando, achava que estava fazendo uma obrigação. Via os outros. Os balaeiros suando e doentes no trabalho reclamando com palavras feias na boca a vida que levavam. Havia nas palavras dos companheiros ódios aos ricos, aos brancos.”

(José Lins do Rego, *O moleque Ricardo*, 1935)

“Mas nada era ainda convincente. Tive novos contatos. Admirei tipos diversos de dores. Mas faltava-me o elemento vital. E chegou-me inesperadamente.

Ajudei Villar na redação de um manifesto e saímos juntos. A tarde estava magnífica. Nunca mais esquecerei essa tarde. Adoro o cheiro de maresia. Todas as ruas estavam iluminadas e recebiam o bafo do mar. Eu pusera um vestido do branco muito simples para não me destacar demasiado de Vilar, que vivia andrajoso. Mas me sentia muito à vontade nas minhas sandálias sem meias. Como estava fresco, o meu rosto sem maquilagem... Era enérgica e viva, misturada às mulheres do cais.

Rua Xavier da Silveira. Maresia. Peixes fritos. Azeite, Café. Benevolência até pelas essências de armarinho. A importância do olfato. Tudo era um cheiro só, concentrado. Nunca pude esquecer esse cheiro.

O estuário, os cilindros de ferro. Depois tudo focalizado num só quadro, que foi o altar d minha conversão, de meu batismo. A silhueta negra, a camisa vermelha. O céu de fogo, o mar de fogo. O preto Herculano encostado na amurada do cais. Quando me estendeu a mão, foi para me entregar a fé.

(Patrícia Galvão, *Autobiografia precoce*, 1940)